

# Ibope faz pesquisa para explicar vitória de Erundina

SÃO PAULO — Os 277 mil 067 votos que fizeram a diferença da vitória da candidata do PT, Luiza Erundina, sobre o favorito Paulo Maluf, na eleição para a Prefeitura de São Paulo, saíram de fontes em que o Partido do Trabalhadores não costuma beber: eleitores da periferia que sempre ignoravam o programa esquerdista do partido, e agora apoiaram Erundina por muitas razões, inclusive por se tratar de uma mulher. Além deles, também é possível atribuir a vitória da candidata do PT a uma fração da classe média deserdada - aquela que saiu do PMDB para o PSDB mas sentiu que se votasse no *tucano* José Serra elegeria um arqui-inimigo - Paulo Maluf.

Ainda hoje, no entanto, não se sabe com exatidão as razões pelas quais esses 277 mil 067 eleitores - diferença de 1.534.547 votos para Erundina e 1.257.480 para Maluf - resolveram surpreender a todos, mudando seu voto na semana da eleição. Nos últimos dias, por exemplo, o Ibope voltou a São Paulo em busca desses motivos. Afinal, nos dias 10 e 11 de novembro, os pesquisadores do Ibope, ao fecharem uma pesquisa de intenção de voto, entronizaram Paulo Maluf na Prefeitura com uma vantagem de 3 pontos percentuais sobre Erundina. Na pesquisa de boca de urna, a diferença surpreendentemente se inverteu, o que foi confirmado com a abertura das urnas. Erundina venceu com 5 pontos na frente.

Os responsáveis pela surpresa foram pessoas como Neusa de Araújo, 29 anos, dona de casa em Pirituba, na Zona Norte da cidade, que votou na única mulher da lista de candidatas. "Achei que para mudar precisava colocar uma saia no poder", justifica Neusa. No lado confortável da cidade, os bairros de classe média, o PSDB via seus votos migrarem para o PT. "Com certeza o Serra perdeu um terço de seus votos para Erundina", atesta Ana Maria da Silva Dias, gerente de Pesquisa de Opinião Pública e Política do Ibope, em São Paulo.

**Voto útil** — Para barrar Maluf, os eleitores politizados do PSDB praticaram o voto útil em Erundina — fazendo Serra obter apenas 5,5% dos votos, enquanto, na véspera da eleição, 9% dos eleitores prometiam votar nele. "Até o Paulo Francini, que era coordenador da minha campanha na área empresarial, votou na Erundina", disse Serra na sexta-feira passada.

A esmagadora vitória na periferia da cidade, porém, surpreendeu até mesmo a quadros experientes do PT como o deputado estadual José Dirceu, secretário-geral do partido. Num bairro como Itaquera, por exemplo, onde discussões de

teio, a quase 40 quilômetros de distância da milionária Avenida Paulista, Erundina obteve 34% dos votos contra 17% dados a Maluf e outro tanto para o pemedebista João Leiva — apesar de terem sido estes dois candidatos a carregarem o estandarte da segurança pública por toda a campanha.

"Nosso problema está sendo o voto da periferia, não por culpa do partido, mas porque o povo de lá tem dificuldade de entender nossa mensagem", disse, dias antes da eleição o deputado José Dirceu. Na semana passada, já digerido o resultado da eleição, Dirceu voltou ao assunto: "Nossa militância na periferia foi importante para a vitória".

**Protesto** — Se mesmo integrantes destacados da cúpula do partido não tinham certo qual seria o desempenho petista entre as camadas de poder aquisitivo mais baixo, nos redutos de classe média a avaliação era mais fácil. Sensíveis a fatos políticos veiculados pelos jornais e televisões, como a invasão da siderúrgica de Volta Redonda pelo Exército, com a morte de três operários, ou a repressão a uma passeata de professores pela Polícia Militar paulista, a cerca de duas semanas da eleição, os cidadãos que tem automóveis quitados e moram em casa própria sentiram-se instados a protestar. Os números da eleição provam isso.

"A grande virada estratégica do PT ocorreu nas zonas nobres da cidade", entende o cientista político Marcus Figueiredo, do Instituto de Estudos Econômicos Sociais e Políticos de São Paulo. "Nesses locais, como o Jardim Paulista e outros bairros, Erundina passou a ser a única alternativa de mudança, capaz de derrotar ao mesmo tempo o passado e o presente", complementa, referindo-se a Maluf como "pasado" e a Leiva como "presente".

Para conhecer e localizar com o rigor da estatística os 277.067 eleitores que fizeram a diferença desta eleição, o Instituto Ibope de São Paulo realizou na semana passada 800 entrevistas em toda a cidade. As conclusões serão conhecidas nos próximos dias. Mas desde já uma coisa é certa: a nova prefeita, que começa a despachar esta semana de uma mansão no Jardim Paulista avaliada em CZ\$ 200 milhões, emprestada pela mãe do vereador eleito Eduardo Suplicy, dona Filomena, pode andar com tranquilidade por São Paulo certa de não ser discriminada nem mesmo nos redutos da elite paulistana. Indianópolis, um das áreas mais ricas da cidade é um bom exemplo. Ali, Maluf obteve 35,3% dos votos, mas a socialista Erundina não fez feio — tirou o segundo lugar com 21,9%

## Os eleitores mudaram de opinião depois do dia 11

| Voto da classe alta<br>Bairros dos Jardins, Pinheiros, Lapa,<br>Perdizes e Butantã |    |      |
|--|----|------|
| Ibope em 10-11 de novembro(%) Urnas(%)   |    |      |
| Erundina (PT)  | 20 | 27,2 |
| Maluf (PDS)  | 29 | 31,4 |
| Leiva (PMDB)   | 9  | 8,4  |
| Serra (PSDB)   | 12 | 8,4  |
| Branco e nulos   | 12 | 12,  |

*Maluf ainda subiu três pontos — graças a seu desempenho nos Jardins, os bairros mais ricos de São Paulo, onde bateu Erundina por 39% a 20%. Mas a candidata do PT avançou sobre os votos do PSDB (queda de 4 pontos) e beliscou o PMDB.*

| Voto da classe média<br>(Ipiranga, Indianópolis, Ibirapuera,<br>Jabaquara, Saúde, Vila Mariana) |    |      |
|---|----|------|
| Ibope em 10/11 de novembro(%) Urnas(%)  |    |      |
| Erundina (PT)   | 21 | 27,8 |
| Maluf (PDS)   | 26 | 28,6 |
| Leiva (PMDB)  | 15 | 11,2 |
| Serra (PSDB)  | 12 | 7,6  |
| Branco e nulos  | 6  | 7,3  |

*Nesta região típica de classe média, com bolsões de riqueza no Ibirapuera e de pobreza no Ipiranga, Erundina seduziu eleitores de Serra e engordou suas urnas com quase 8 pontos. Maluf, que subiu 2, também abocanhou votos na reta final.*

São Paulo — Fotos de José Carlos Brasil



Filho professor convenceu os Carvalhos a virar casaca na última hora

| Voto dos pobres<br>(Itaquera e Gualanazes) |    |    |
|--|----|----|
| Ibope em 10-11 de novembro(%) Urnas(%)     |    |    |
| Erundina (PT)                              | 20 | 34 |
| Maluf (PDS)                                | 23 | 16 |
| Leiva (PMDB)                               | 29 | 19 |
| Serra (PSDB)                               | 12 | 4  |
| Branco e nulos                             | 6  | 16 |

*Aqui na Zona Leste, símbolo da pobreza em São Paulo, Erundina tomou votos de todos os concorrentes — mas sua maior vítima foi o PMDB. Leiva perdeu 10 pontos percentuais em quatro dias, Maluf perdeu 7 e Serra, 8. Parte dos votos que eram deles podem ter sido anulados.*



Marido de Neusa se sentiu traído



## Empresários mudam de lado

O empresário Paulo Francini, dono da Coldex-Frigor, a mais robusta empresa nacional do setor de refrigeração, com um patrimônio superior a Cz\$ 3 bilhões, votou em Luiza Erundina a 15 de novembro. Como nunca fora visto num comício do PT, nem tivera facilidades para administrar sua empresa no município de Diadema, na Grande São Paulo, durante a gestão do prefeito petista Gilson Menezes, de quem os empresários locais têm muitas queixas, Francini escolheu a candidata muito mais pelo que ela não é do que pelo pensamento que representa. Entre o pedessista Paulo Maluf e Erundina, o empresário preferiu Erundina justamente porque ela não é Maluf.

Como o dono da Coldex-Frigor, suspeita-se que outros proprietários dos 53.053 estabelecimentos industriais cadastrados em São Paulo também despejaram na urna votos que ajudaram Erundina e seu partido a vencer a eleição. Poucos assumem isso, muitos apontam outros que teriam votado assim e jamais o confirmariam, e pelo menos um provocaria, com a revelação de seu voto em Erundina, surpresa maior que a registrada com a vitória petista. Esse megaempresário baseado em São Paulo, cujo grupo patrimônio ultrapassa os US\$ 250 milhões, confessou a integrantes de sua equipe que retirou seu voto do bolso do *meu* José Serra e passou-o para a bolsa de Erundina apenas para ajudar a derrotar Maluf. Conhecer seu nome equivaleria a se saber que o papa votou em Gorbachev.

**Capitalismo** — “A proposta do PT de melhorar a vida do trabalhador é também uma idéia de ampliação do mercado e, com isso, democratizar a experiência do consumo, levando ao aperfeiçoamento do capitalismo”, raciocina o empresário Lawrence Pih, cabeça do Moinho Pacífico, grupo que fatura US\$ 235 milhões por ano, direta e indiretamente. Apontado como petista, ele na verdade é militante de carteirinha do PSDB. “Além disso, Erundina era a única opção para derrotar Maluf e o passado que ele representa”, acrescenta o empresário, expondo a segunda razão de seu voto.

Na imensa maioria dos casos, o voto patronal em Erundina não é confessado nem ao pároco de confiança. Explica-se:

mesmo acreditando na proposta administrativa do PT, quase ninguém nessa área faz questão de posar ao lado de um partido estimulador de greves e reivindicações trabalhistas. Há números, porém, que dão uma boa indicação do quanto o empurrão empresarial ajudou o PT. No Jardim Paulista, bairro da Zona Sul cujas mansões abrigam boa parte dos empresários paulistanos, responsáveis pela geração de 19% do Produto Interno Bruto nacional, o mapa das apurações mostrou que Erundina conquistou 20% dos votos, contra 39% dados a Maluf.

**Transformação** — “Nunca imaginei que um dia votaria no PT”, conta a empresária Regina Boni, dona da Galeria de Arte São Paulo, na supervalorizada Avenida Estados Unidos, corredor comercial encravado na Zona Sul. Regina, cujo coração às vésperas do pleito balançava entre Maluf e o liberal João Mellão — que podem ser chamados de opção de classe de quem tem em estoque de obras de arte avaliadas em US\$ 1 milhão — decidiu-se por Erundina numa reviravolta tão rara quanto exemplar. Ela explica: “Percebi que podia dar um voto transformador, que ajudaria a mudar essa situação de injúria a que o país vem sendo submetido e que, no fim das contas, leva-o à morte.” Esse voto, que pode ser tratado como contestação a tudo que se experimentou antes, teve para a empresária um peso que o PT, sem dúvida, gostaria de pôr na balança de todos os seus eleitores de última hora. “Virei petista”, afirma Regina, que promete filiar-se ao partido e ajudá-lo no que for possível.

O empresário Luis Antônio de Barros, dono do sofisticado restaurante Roma Jardins, também pegou o bonde do ânimo petista, embalado pelos funcionários de sua casa. “Vou seguir o exemplo de meus 30 empregados e votar na Erundina”, prometeu ele três dias antes da eleição, durante almoço que ofereceu à candidata do PT apenas para comunicar essa intenção. Tal confissão dificilmente poderia partir de algum ponto mais próximo do coração da burguesia paulista: Barros é um assíduo frequentador, desses que vão ao local até em dias de semana, do São Paulo Golf Club, uma aprazível ilha da Zona Sul que Erundina provavelmente só conhece de passar na porta.

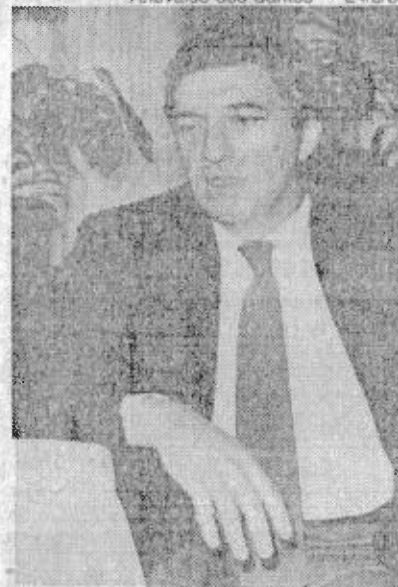


Pih: com o PT, pelo aperfeiçoamento do capitalismo

São Paulo — Zaca Feitosa



Ariovaldo dos Santos — 24/8/88



Regina: opção pelo PT, contra a injúria e pela transformação do país.  
Francini: com Erundina, mais pelo que ela não é

## Pirituba ia votar em Maluf

Uma casa modesta de Pirituba, bairro da periferia da Zona Norte de São Paulo, identificada pelo vermelho berante da estrela do PT, foi cenário de uma história representativa da virada ocorrida em 15 de novembro. Uma família de petistas de última hora, fiéis malufistas por muito tempo, comemora a subida da estrela justamente na região onde os resultados das urnas praticamente invertem os prognósticos divulgados pelo Ibope quatro dias antes da eleição. As pesquisas previam vitória folgada para Maluf (33% contra 19% de Erundina) em Pirituba, mas a petista acabou atropelando o candidato do PDS, com 34,23% contra 20,06% dos votos.

Desconfiada, Gonçalves Jesus de Carvalho, 59 anos e oito filhos, atendeu, na tarde de quinta-feira passada, ao pesquisador do Ibope Hélio Gastaldi, em busca de dados que explicassem a virada. “É óbvio que votei nessa aí do muro”, respondeu Gonçalves. Curiosos, três dos seus filhos se aproximaram e também se declararam eleitores de Erundina. Se as eleições tivessem se realizado uma semana antes, Gonçalves marcaria seu X no candidato do PDS. Os filhos Wanderley, 21 anos, e Rita, 22, mudaram de idéia duas semanas antes, e a filha Maria Virgínia, 34, na véspera das eleições.

**Explicação** — Mas por que mudaram o voto?, perguntou o Ibope, oferecendo algumas suposições: “A vitória de Erundina era um protesto contra a morte de operários de Volta Redonda por soldados do Exército; contra a repressão da Polícia Militar, a mando do governador Orestes Quércia, aos professores das universidades paulistas; contra o que está aí...?”

Um risinho de cumplicidade se formou, então, entre as quatro pessoas: o principal responsável pela mudança do voto da família, cuja alternativa não estava no questionário do Ibope, caminhava, em carne-e-osso, na direção deles. A “explicação” atende pelo nome de Daniel, o único filho de Gonçalves com formação superior. Professor de História e Educação Moral e Cívica, “e socialista” (faz questão de acrescentar), foi aos poucos convertendo a família inteira. “Fam votar no Maluf porque ele oferecia segurança”, contou Daniel, “mas aí eu expliquei que os marginais que eles tanto

temem são gerados por essa mesma espécie de administração que hoje propõe segurança.

“Isso mesmo”, aprovou Wanderley, *office-boy*. Tanto ele, como a mãe e as duas irmãs, não ficaram sabendo, apesar de terem televisão em casa, que o Exército havia matado três operários em greve na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (RJ), no dia 9 de novembro. Nem da ação da Polícia Militar sobre uma passeata de funcionários das universidades paulistas em greve, no dia 27 de outubro. “Foi um voto de socorro aos pobres do Brasil”, arriscou Virgínia, que na véspera da eleição ainda dizia ao irmão Daniel que não votaria na candidata petista “porque ela não tinha gestos muito femininos”. Nem um pouco democrático, Daniel ignorou os protestos da família e 20 dias antes da eleição pintou a estrela do PT no muro.

**Sala no poder** — A vizinha de Gonçalves, Neusa de Araújo, 29 anos, também votou em Erundina, mas para presidente prefere Paulo Maluf. “Porque é mais experiente que o analfabeto Lula”, respondeu Neusa, que tem o primeiro grau completo. No dia da eleição, ela saiu de casa com o marido, dono de um pequeno bar, que estava certo de que a mulher votaria em Maluf. “Meu marido disse que foi traição”, contou, “mas foi só uma intuição minha: achei que para mudar precisava ajudar a colocarem uma sala no poder”, disse Neusa.

Num outro local de Pirituba, aguardavam pelo pesquisador do Ibope, por sinal um petista (mas que nem por isso deixou suas convicções influenciarem no trabalho), dois outros vira-casacas. Os motivos para a troca da camiseta de Maluf pela de Erundina eram, no entanto, bastante diferentes entre si. Para o bancário Sílvio Natto, 21 anos, o episódio de Volta Redonda foi fator determinante para que trocasse o PDS pelo PT uma semana antes das eleições. A conversão de Neide Pereira aconteceu a caminho da urna. “A minha filha e o noivo, petistas roxos, tiravam sarro de mim”, disse ela. Para se livrar do constrangimento, votou em Erundina.

Participaram: Marco Damiani, Marcos Emilio Gomes, Lina de Albuquerque e Jorge Guimarães Neto.